

TUFRA_1

Dias atrás, fui surpreendido por um texto numa dissertação de mestrado que me colocava como integrante do Teatro Universitário de Franca, o TUFRA dos anos 60. Na época, eu era apenas um adolescente estudante do colegial e jamais subi num palco para representar algo, certamente teria sido desastroso. Gosto de chocolate com trufas, mas o TUFRA passou longe do meu caminho, embora conhecesse vários de seus integrantes, como Totonho Mazzotta, Belmiro Arruda e Paulo de Tarso. Como nesse ano se comemoram os 60 anos da Faculdade da UNESP local, fui convidado pelo atual diretor Murilo Gaspardo a apoiar os eventos culturais previstos. Pensei que relembrar o TUFRA seria algo interessante.

Cheguei a assistir um espetáculo realizado pelo TUFRA na AEC - “A Reforma”. Ao procurar um dos integrantes para buscar informações, soube que o diretor da peça local era de Batatais, cujo nome não lembrou, perdido como o próprio TUFRA nas memórias dos estudantes e nos escaninhos da história após o recrudescimento da ditadura militar em 1968 que, com a edição do AI-5, fechou de vez o regime e ampliou o cerco e a censura às artes e à cultura. Esse esquecimento me fez ir atrás do nome do diretor e de mais elementos da peça. Puxa um fio do novelo aqui, outro ali, com a ajuda da arquiteta Alessandra Baltazar que trabalha com educação patrimonial em Batatais, procurei Sérgio Amaro, ligado ao teatro batataense. A coisa foi desenrolando, Amaro me levou ao Gaspar, que era amigo do diretor de “A reforma”. Guardado zelosamente por Gaspar por 55 anos, surgiu o folder da peça, permitindo então identificar todos os personagens da peça.

O teatro universitário foi produto dos Centros Populares de Cultura – CPC da União Nacional dos Estudantes – UNE, fechados com o golpe militar de 1964. Postos na ilegalidade, a política estudantil refluíu para as instituições e surgiram nas principais universidades grupos teatrais imbuídos do espírito cepecista. O espetacular sucesso do Teatro da Universidade Católica – TUCA no festival universitário de Nancy, aclamado pela mídia, permitiu ver no teatro uma alternativa para a militância contra a ditadura. A criação do TUFRA na velha Franca é provável reflexo dessa situação.

Durante toda a ditadura militar, o teatro brasileiro teve grande participação na resistência cultural, por isso a perseguição movida pelo governo e terroristas de direita. Em encenações de peças estrangeiras de questionamento e que despertavam o senso crítico, de autores como Sartre e Brecht, além de peças autorais, atores e atrizes se uniram com muita coragem contra a censura. Os estudantes de Franca usaram esse recurso também, apesar do conservadorismo, autoritarismo e repressão em vigor após o golpe militar de 1964.

Para sentir qual era o clima da época, a historiadora Julia Gumieri recriou episódio bizarro ocorrido na faculdade: “durante a ditadura, houve uma intensa vigilância e repressão aos órgãos estudantis, até mesmo por organizações paramilitares como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Em novembro de 1968, deu-se início ao processo eleitoral para a escolha da diretoria da União Estadual de Estudantes (UEE). Na Faculdade de Filosofia de Franca, onde seria realizada a votação, o clima era tenso, pois um grupo do CCC havia prometido impedir as eleições, intimidando os estudantes que quisessem participar do pleito. No dia da eleição, o

CCC ocupou a escola com a conivência da Diretoria da Faculdade, que também havia proibido a realização das eleições em recintos escolares. A partir de uma barreira na portaria, o grupo revistava os estudantes em busca das cédulas de votação. A fim de garantir o processo, foi improvisada uma urna em uma caixa de sapato levada ao Cemitério da Saudade. De forma velada, os estudantes iam sendo avisados do “novo local”. A votação da UEE em Franca conseguiu realizar a apuração de seus votos”. Continua semana que vem.

Mauro Ferreira é arquiteto